

Copyrighted Material
GRAZIELA MERLINA
ROSANA COSTA

A
EDUCAÇÃO
NO DIVÃ

POR QUE O MODELO DE
ENSINO VIGENTE ESTÁ
TÃO DISTANTE DA
FORMAÇÃO DOS LÍDERES
DE QUE PRECISAMOS?



Copyrighted Material

**GRAZIELA MERLINA
ROSANA COSTA**

**A
EDUCAÇÃO
NO DIVÃ**

**POR QUE O MODELO DE
ENSINO VIGENTE ESTÁ
TÃO DISTANTE DA
FORMAÇÃO DOS LÍDERES
DE QUE PRECISAMOS?**

Copyrighted Material



VOO

A EDUCAÇÃO NO DIVÃ

POR QUE O MODELO DE ENSINO VIGENTE ESTÁ TÃO DISTANTE
DA FORMAÇÃO DOS LÍDERES DE QUE PRECISAMOS?

Autoras: Graziela Merlina e Rosana Costa

Coordenação editorial: Priscila Seixas

Coordenação gráfica: Claudia Kubrusly

Capa e projeto gráfico: Suiane Cardoso

Diagramação: Maurício Carneiro

Revisão: Raquel Benchimol

e-ISBN: 978-65-89686-51-4

Editora Voo, 2023



IMPRESSO NO BRASIL



CADEIA RESPONSÁVEL



UM POR UM: CADA LIVRO,
UMA CONTRAPARTIDA SOCIAL



Reservados todos os direitos de publicação à:
Editora Voo Ltda.

Avenida das Comunicações, 265, Setor 1 MOD A-07, Osasco/SP, CEP 06.276-190
www.editoravoo.com.br

DEDICATÓRIA

Com alegre expectativa, dedicamos este livro aos jovens com a esperança de que tenham cada vez mais espaço — vez e voz — e tornem-se adultos com escuta genuína e verdadeira. Que nosso empenho na construção desta obra contribua efetivamente para o reconhecimento de suas potencialidades, e a juventude seja acreditada e creditada.

Dedicamos ainda a uma Educação que tenha coragem de encarar suas fragilidades e força para ser genuinamente reinventada.

9

PREFÁCIO

13

HUMANOS HUMANIZADOS:
PARADOXO DO SÉCULO 21

21

EDUCAÇÃO E SUAS VERTENTES DE DESIGUALDADE

33

UM OLHAR SOBRE O SISTEMA DE ENSINO
E OS EDUCADORES

41

PAIS E EDUCADORES NA CONSTRUÇÃO
DE PROPÓSITO

51

CONFISSÕES DA JUVENTUDE NO SÉCULO 21

65

O QUE O MUNDO DO TRABALHO PRECISA E A
ESCOLA NÃO ENSINA?

77

ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL COMO PILAR
DE UMA SOCIEDADE CONSCIENTE

91

VALORES ABSOLUTOS E RELATIVOS:
CONCEITOS, VIVÊNCIAS E RESULTADOS

	99
HUMANIZAÇÃO PERDIDA NA COMPLEXIDADE	
	107
ARMADILHAS DO SOCIALMENTE ACEITO	
	113
AUTENTICIDADE EM UM MUNDO DE IMPOSIÇÕES	
	121
HUMANOS ROBOTIZADOS <i>VERSUS</i> ROBÔS HUMANIZADOS	
	129
AUTOCONHECIMENTO: DIFERENCIAL DECISIVO PARA O SER HUMANO	
	135
ESPIRITUALIDADE: ALICERCE PARA A VIDA E OS NEGÓCIOS	
	145
AUTOGESTÃO DE CRENÇAS EM UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO	
	155
EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO CONSCIENTE	
	167
PILARES DA HUMANIZAÇÃO	
	175
REFERÊNCIAS	

PREFÁCIO

Por Dario Neto*

Trinta e três milhões.

Cento e vinte e cinco milhões.

Esses são, respectivamente, os números de brasileiros passando fome e aqueles vivendo algum grau de insegurança alimentar em nosso país, segundo dados de 2022 da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, expostos no 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil (II VISIGAN). A fome é talvez uma das expressões mais viscerais e agudas de uma profunda e generalizada crise política, econômica, social, ambiental, cultural e — por que não? — espiritual. Uma crise sistêmica de liderança. Segundo a ONU, com aproximadamente 1,15% do total de ativos financeiros mundiais alocados ao ano, todas as 167 metas dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 seriam suficientemente financiadas. Em novembro de 2021, testemunhamos uma acalorada troca de tweets entre Elon Musk (CEO da Tesla e uma das pessoas mais ricas do mundo) e David Beasley (chefe do Programa Mundial de Alimentos da ONU), em que Beasley propunha a

Musk que doasse 6,6 bilhões de dólares (ou 2% da sua riqueza) para acabar com a fome no mundo, evitando inclusive que 42 milhões de pessoas em 43 países literalmente morressem de fome em 2022.

Enquanto lia *A Educação no Divã*, da querida colega de jornada Graziela Merlina e da Rosana Costa, lembrava-me do testemunho do Rony Meisler, cofundador da Reserva e CEO do Grupo Ar&Co, sobre a implementação do Programa 1P = 5Ps (a cada peça de roupa vendida na Reserva, cinco pratos de comida são doados para quem tem fome no Brasil). Ele conta que, após ouvir de um garoto em Pentecoste, município do Ceará, a pergunta “você consegue estudar quando tem fome?”, repensou suas intenções iniciais de implementar um projeto social voltado para a educação no Brasil e seguiu com essa linda prática capitalista consciente. Desde 2016, o programa já viabilizou a doação de mais de 95 milhões de refeições.

No decorrer da minha leitura, inspirado pelas experiências, histórias e corajosas provocações aos educadores, pais e jovens que o livro traz, alternei entre pensamentos binários e lineares que me levavam a tentar hierarquizar soluções para a educação diante de temas que parecem tão emergenciais, como a fome, as desigualdades e a crise climática. Fui instigado a refletir sobre questões de origem mais interdependente, sistêmica e essencialmente humana, revivendo em mim a certeza de que a educação é o instrumento capaz de viabilizar o ODS Zero (ou a verdadeira evolução de consciência das pessoas), formando uma nova geração de lideranças para a iniciativa privada, o governo e as organizações da sociedade civil organizada.

Paulo, um famoso apóstolo de Jesus, em uma carta à Igreja Cristã em Roma escrita há dois mil anos, disse que o mal que ele não queria fazer, acabava por fazer, mas o bem que queria, muitas vezes não fazia. Acredito que, enquanto humanos, somos frágeis, pequenos e carecemos do

diário exercício espiritual de busca por autoconhecimento, propósito e conexão. Assim, talvez sejamos humanos e líderes mais dignos e melhores para o mundo.

A essência e o chamado deste livro vão muito além da urgente transformação da educação para maior compatibilidade com o mundo e as demandas pós-Quarta Revolução Industrial e pós-robotização. Grazi e Rosana passeiam pelo tema de maneira leve, porém instigante, abrindo espaço para refletirmos como construir uma educação realmente capaz de virar o jogo em um mundo inercialmente desigual, concentrador de poder e de riqueza, e de relações transacionais entre humanos e todas as formas de vida. Uma educação integral, que nutra os campos necessários para forjar “humanos mais humanos”. Uma educação que estimule a criatividade, a resiliência, o amor ao próximo, a atitude empreendedora, o autoconhecimento, a inteligência emocional, a espiritualidade e os princípios universais atemporais capazes de assegurar um mundo socialmente mais justo, ambientalmente mais sustentável e economicamente mais próspero para todas as pessoas.

Ótima leitura e grandes reflexões!

***Dario Neto é empreendedor para boas mudanças, CEO no Grupo Anga e membro do Conselho Deliberativo do Instituto Capitalismo Consciente Brasil. É seguidor de Jesus, pai do Miguel e da Catarina, marido da Bruna.**

HUMANOS HUMANIZADOS: PARADOXO DO SÉCULO 21

A mãe de um aluno entrou em contato com a diretora pedagógica de uma conceituada escola na zona sul de São Paulo. Motivo? O áudio que uma colega da classe do seu filho enviou no grupo. Na mensagem, a menina enfatizava problemas que vinha enfrentando e ameaçava dar fim à própria vida.

— Você não tem ideia dos problemas que estou passando. Já pensei até em me matar e você não para de mexer comigo! — falou em um tom de desespero entre palavrões e interrupções angustiantes.

O áudio agitou diretores e coordenadores da escola. Alguma coisa precisava ser feita. Na busca por informações sobre o comportamento da aluna, soube-se que no dia anterior ela foi surpreendida aos prantos na escola, mas ao ser questionada simplesmente disse que não era nada.

A coordenadora a chamou para uma conversa e, após algum tempo, descobriu que a pré-adolescente gostava de um menino e escreveu uma carta para ele, mas outro garoto viu e espalhou o assunto. Além disso, a menina de treze anos enfrentava outros problemas, entre eles, o fato de a cantora e atriz Sulli, da Coreia do Sul, ter cometido suicídio. A dor de ter “perdido” um ídolo das mídias sociais a deixou sem rumo; desesperada, ela não sabia o que fazer.

A década de 1990 foi uma época de transição no modo de ser criança. A tecnologia surgia timidamente, dava seus primeiros anúncios de popularidade, mas prevaleciam as brincadeiras na rua, os jogos de tabuleiros, as coleções de objetos divertidos. Em alguns locais, famílias e amigos ainda se reuniam nas calçadas e nas praças para conversar e colocar os assuntos em dia. As pessoas tinham contato pessoal, se olhavam e se percebiam.

Com o advento das tecnologias e das transformações da sociedade, muita coisa mudou. No mundo contemporâneo, as redes sociais são o meio de comunicação que desenvolvem vínculos e aproximação virtual entre pessoas de todos os níveis socioculturais. Os mundos se estreitaram! A relação do ser humano com o tempo e o espaço passou a ter uma nova identidade.

Quais são os parâmetros dos adolescentes e jovens do século 21? Será que youtubers, influenciadores digitais e celebridades têm ocupado parte da vida íntima, dos anseios e das decisões da nova geração?

As redes sociais têm exercido demasiada influência na forma de agir e pensar dos indivíduos e modificando comportamentos. A maneira de enxergar o mundo, encarar realidades e fazer parte de contextos sociais mudou.

O relatório *Digital in 2023*,¹ realizado pelo We Are Social e Hootsuite, mostra uma visão do panorama digital no Brasil. Com mais de 5,16 bilhões de usuários na internet, o levantamento revela que 64,4% da população mundial está on-line e quase 60% é ativa em redes sociais. Se para Aristóteles era impossível ter mais do que cinco amigos íntimos ao mesmo tempo, não se pode dizer o mesmo em tempos de WhatsApp, Facebook, Instagram e tantos outros aplicativos.

Para algumas gerações, essas ferramentas podem representar uma parte das relações de amizade. Já para a juventude do século 21, elas funcionam como pontos de encontro de pessoas que nunca tiveram ou terão contato presencial, olho no olho, o que não os impede de criar laços de intimidade e sofrer com a perda, o distanciamento ou o bloqueio de alguém que integra essa sua realidade virtual.

O cenário atual está voltado para as mudanças tecnológicas, sociais, econômicas, políticas, bem como para as inovações, descobertas científicas e perspectivas de futuro. E, nesse movimento, sob o olhar da humanização, o comportamento humano é apontado como principal vetor de mudança.

¹ Disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2023-visao-geral-global-resumo-e-relatorio-completo>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

Qual sentido tem se dado à humanidade, a partir do que ocorre a cada indivíduo em relação a suas crenças, emoções, valores e propósitos?

O mundo está repleto de racionalidade, tecnologias, sociabilização de robôs e humanos robotizados. A humanização começou a se perder quando as organizações — família, escola, empresa — passaram a apostar em soluções complexas e tecnológicas em detrimento do autoconhecimento, da autenticidade, da espiritualidade e do propósito de vida.

O tempo é de robôs cada vez mais humanizados no atendimento, com tom de voz confortável e acolhedor, que superem a eficácia de gente de carne, osso, emoções e sentimentos — uma forma tênue de descaracterizar nossa humanidade.

Quando se fala que os seres humanos correm o risco de perder espaço para a inteligência artificial, é de fato uma possibilidade, caso a nossa espécie deixe de valorizar e desenvolver habilidades, competências e inteligências únicas. O indivíduo que não se preocupa de estar se tornando um humano robotizado pode perder espaço para o robô com um mínimo de humanização em seu projeto.

A programação integral do ser humano supera a tecnologia e a inovação existentes, mas deve ser instigada constantemente para garantir sua preservação nos diversos cenários: social, cultural, econômico e espiritual.

Nesse contexto, é evidente a importância de a escola ser mais do que uma propagadora de conteúdo técnico para o aluno. Ela também precisa ser para os pequenos humanos, desde a mais tenra idade, a base para o autoconhecimento, a alfabetização emocional, o desenvolvimento da au-

tenticidade, do protagonismo, da autorresponsabilidade e do empreendedorismo. Trazer à luz essas questões é essencial para a preservação da humanidade.

Em geral, organizações educacionais trabalham as competências exigidas no mundo da inovação e da tecnologia, mas falham na aplicação prática para o desenvolvimento do “eu” da criança, do adolescente e do jovem. As inteligências intelectual, emocional e espiritual têm importância equivalente no desenvolvimento integral do ser humano, e as duas últimas são reconhecidamente os diferenciais de conquista e realização de homens e mulheres no mundo contemporâneo.

Como seria se o projeto de modernização no ensino envolvesse, além de recursos e competências exigidas no mundo tecnológico, aspectos da humanização: sentir, experimentar, criar, descobrir, envolver e se autoconhecer?

Uma educação integral garante bem-estar, disposição para a conquista e realizações para o indivíduo. Apenas transmitir conteúdo das matérias tradicionais já é obsoleto. Conhecimento técnico o aluno pode complementar o aprendizado em sala por meio de videoaulas, pesquisas no Google, fóruns de discussões direcionados; mas os aspectos da humanização dependem de interação, espaço para conversa, vivências práticas, exploração de possibilidades e experiências.

No relacionamento com o aluno, o professor tem sido preparado para atuar como agente integrador de inteligências? Ele está habilitado para mostrar que, além da instrução técnica, existem perspectivas e horizon-

tes para o indivíduo como pessoa, e não apenas como profissional? Tem sido instruído e apoiado a desenvolver o processo com todos, com um olhar individualizado?

Diferente de anos atrás, já não é senso comum os jovens vislumbrarem uma universidade, o que faz da escola um fator ainda mais importante nas questões voltadas para o autodesenvolvimento. Os alunos recém-saídos do Ensino Médio são os profissionais que estarão no mercado de trabalho, em um futuro de pequeno, médio e longo prazos. E quanto às universidades? Elas têm trabalhado no desenvolvimento de posturas e comportamentos do futuro profissional?

Quando se creditou passar no vestibular como modelo de sucesso na vida escolar, o conceito foi replicado no mundo organizacional como crescer na carreira, ter um alto salário e ganhar status. Com esse modelo, criou-se a mentalidade de competição e de ser o melhor, o que gerou e ainda gera indivíduos alienados à sua essência humana.

Famílias e escolas têm ensinado às crianças a competição e a comparação por meio de avaliações. Notas “medem” o quanto o aluno é bom em determinados critérios sem considerar as individualidades. Essa conduta estimula o indivíduo a se nivelar pelos resultados dos outros e a desviar o olhar do seu melhor.

Existe a crença de que sala de aula notável é a que reúne alunos com as melhores notas! É desafiador abrir a mente de diretores e coordenadores de que isso não é 100% verdadeiro — o conceito de melhor aluno pode ser uma distorção. Quando e como se avaliam as mentes mais ativas para fazer conexões inteligentes? Ou a coragem de superar limites, questionar e até transgredir? No sistema de ensino atual, os melhores alunos são aqueles que têm as matérias em dia. Mas o que isso gera de valor na prática?

Tem sido evidenciada a necessidade de ressignificação do modelo de sucesso na sociedade, e muitas pessoas têm adotado práticas de equilíbrio físico, mental e emocional. Um futuro saudável em todos os níveis da sociedade depende da reconstrução de significados e modelos de sucesso. Mais que a inovação e a tecnologia, as questões humanas são determinantes e essenciais para o progresso individual e coletivo.

Uma nova mentalidade pode partir da educação, quando a criança, o adolescente e o jovem forem ensinados que o herói não faz nada sozinho e que um futuro saudável parte do autoconhecimento e da autoconsciência.

É importante manter na grade curricular matérias como Matemática, Ciência e Linguagem. Cada indivíduo deve conhecer os números e a lógica, saber como as coisas são descobertas e estudadas, aprender a se comunicar por meio dos símbolos, preferencialmente associando esses aprendizados aos assuntos variados de acordo com o interesse de cada um. Se a pessoa quer estudar história da arte associada às suas habilidades com tecnologia, por exemplo, poderia ter os recursos e acessos à disposição. Se não quer, deveria ser respeitada na sua unicidade. A princípio, quem tem linguagem e sabe fazer conta caminha ao encontro do conhecimento de que precisa.

Para corresponder às exigências de um mundo em constante mudança, cada indivíduo precisa compreender desde cedo que tem o poder de transformação. Conhecer a si e seguir se reconhecendo são alicerces para qualquer outro aprendizado. Dessa forma, quando a escola estabelecer como prioridade o desenvolvimento humano, o conteúdo será aprendido com fluidez.

Entretanto, autoconhecimento ainda é encarado como tabu no sistema educacional. É crescente a estatística² relacionada a crises de ansiedade entre crianças, adolescentes e jovens justamente porque não aprenderam a entrar em contato com suas questões internas. Encontra-se na escola alunos com mais doenças hoje do que jamais se viu anteriormente.³ Depressão, déficit de atenção, dislexia,⁴ mutilação física, transtorno de conduta e tantas outras questões emocionais, neurológicas e psiquiátricas. Uma nova coleção de disfunções surgiu na última década — antes, tudo se resumia a preguiça ou rebeldia.

Já é cientificamente comprovado que todas essas doenças existem. O desafio é encontrar e admitir a raiz delas! Por que tem crescido em sala de aula o número de casos de alunos com algum diagnóstico? Será que “rotular” ou encontrar prontamente um diagnóstico não traz a ideia de que o problema não está na escola ou na família, mas na própria criança que “tem a disfunção” e, por isso, não atende às “expectativas” educacionais?

Das salas de aula sairão os futuros profissionais do mundo organizacional, os empreendedores, os membros de uma sociedade, os cidadãos de uma nação. O que tem sido efetivamente feito para que o futuro não seja um movimento vasto de pessoas carentes da sua própria essência?

² Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/saude-mental-especialistas-falam-sobre-os-desafios-no-cuidado-de-jovens-e-adolescentes>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

³ Disponível em: <https://scielosp.org/article/physis/2009.v19n4/1165-1187/pt/>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

⁴ Ainda que o déficit de atenção e a dislexia sejam condições neurobiológicas, a sua gravidade é muito influenciada pelo contexto ambiental em que a criança vive. Vale ainda considerar que muitas pessoas vêm sendo diagnosticadas erroneamente com esses transtornos, quando, na verdade, possuem questões emocionais que não estão sendo acompanhadas ou tratadas.



Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar
ou acesse pelo QR Code abaixo.



Como seria se o projeto de modernização no ensino envolvesse, além dos recursos e das competências exigidas no mundo tecnológico, aspectos da humanização: sentir, experimentar, criar, descobrir, envolver e se autoconhecer?

Transformar o modelo atual de educação deveria ser a base do pensar dos dirigentes de escolas e educadores, mas em algum tempo remoto a chave não virou. O processo de ensino estagnou, e os alunos continuam sendo preparados para um mundo que não existe mais.

Em **A educação no divã**, as autoras **Graziela Merlina** e **Rosana Costa** propõem um questionamento sobre o que se tem por consolidado e estimulam a sociedade a diferentes formas de pensar – literalmente, apertando o botão que dói.

A escola não tem como gerar a transformação de mentalidade sozinha. Os pais, centrados em suas próprias necessidades e preocupações, não têm percebido os pedidos de socorro de seus filhos. Como as duas instituições – família e escola – podem, então, atuar em um mesmo propósito para ajudar a juventude a se conhecer, se respeitar e se projetar com nível elevado de autoconsciência na construção de uma sociedade saudável?

